

MEDIDAS DE ACESSIBILIDADE PARA O DEFICIENTE INTELECTUAL – A LINGUAGEM ASSISTIVA COMO CAMINHO PARA HUMANIZAÇÃO

Francielli Laiz Gobbi¹

Resumo

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo reunir elementos que permitam refletir sobre as medidas de Acessibilidade para o deficiente intelectual (Síndrome de Down), em particular, principalmente a importância da linguagem como recurso para promover o desenvolvimento das funções superiores do pensamento. Nessa perspectiva de abordagem nos pautamos no autor (VYGOTSKY,2000) frente a teoria histórico – cultural. Para defendermos que pessoas com D.I necessitam de uma linguagem diferenciada para que possam se comunicar. Com isso demonstramos que o D.I precisa de autonomia, apoio, respeito, tempo para aprender entre outros. Concluimos, portanto, que mudanças simples podem eliminar barreiras e orientar os D.I diante de suas dificuldades cotidianas.

Palavras – Chave: Acessibilidade, deficiência Intelectual, Linguagem

ACCESSIBILITY MEASURES FOR INTELLECTUAL DISABLED - Assistive LANGUAGE AS WAY TO HUMANIZATION

ABSTRACT

The research developed aimed to gather evidence to reflect on the measures of accessibility for the intellectual disabled (Down Syndrome), in particular, especially the importance of language as a resource to promote the development of higher functions of thought. In this perspective we based approach in the author (Vygotsky, 2000) compared to historical theory - cultural. Para defend people with DI need a different language so they can communicate. With this we show that the DI needs of autonomy, support, respect, time to learn from others. We therefore conclude that simple changes can eliminate barriers and guide the DI before their daily difficulties.

KeyWords: Accessibility, Intellectual Disability, Language

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: Fran_lai_z@hotmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo reunir elementos que permitam refletir sobre as medidas de Acessibilidade para o deficiente intelectual (Síndrome de Down). Acreditamos que este tema é importante para conscientizar as pessoas de que o Deficiente Intelectual (D.I) é capaz de desenvolver suas funções mentais e exercer diferentes atividades escolares, profissionais e sociais e para isso depende, sobretudo, de incentivo por parte da família, da escola e da sociedade em geral.

De acordo com Almeida (2007), a grande maioria das crianças com D.I conseguem aprender a fazer muitas coisas úteis para sua família, escola, sociedade. Assim, podem contribuir assumindo o controle de ações que envolvem a própria vida, bem como desenvolver tarefas para o bem estar da comunidade em que vivem. Para alcançarem tal nível de autonomia precisam, em geral, de mais tempo e de apoio educacional.

Pensando nisso, apresentamos o questionamento: afinal, o que vem a ser o deficiente intelectual? Compreendemos que a pessoa com Deficiência Intelectual apresenta certas limitações no seu funcionamento mental e, também, no desempenho de tarefas comuns do dia a dia.

Refere-se a limitações substanciais do funcionamento presente sendo definido como uma dificuldade fundamental em aprender e desempenhar certas habilidades de vida diária. As capacidades pessoais as quais apresentam limitações substanciais são de ordem conceitual, prática e inteligência social. Essas três áreas são especificamente afetadas na deficiência intelectual, enquanto que outras capacidades pessoais (como por exemplo: saúde e temperamento) não são. É caracterizado por funcionamento intelectual significativamente abaixo da média [...] (ALMEIDA, 2002, p. 36).

As limitações da pessoa com D.I provocam uma maior dificuldade na aprendizagem e no desenvolvimento destas. Os processos de aprendizagem e desenvolvimento dessa população exige atenção pedagógica especial. A educação de pessoas com D.I é nesse texto, o alvo de nossa atenção.

Shimazaki e Tsukamoto afirmam que Vygotsky, ao trabalhar com as pessoas com necessidades especiais, concentrou a atenção nas habilidades que estas tinham, pois entendia que tais habilidades poderiam dar aportes para o desenvolvimento das capacidades dessas pessoas. Dessa forma, o teórico rejeitou as descrições puramente quantitativas, no que se referia a “traços psicológicos unidimensionais refletidos de resultados de testes”. (SHIMAZAKI; TSUKAMOTO, 2012, p.70).

Os autores seguem enfatizando que existem duas maneiras de ensinar pessoas com Deficiência Intelectual. Uma delas focaliza a aquisição de habilidades de modo descontextualizado e a outra, que se apresenta como alternativa à primeira proposição busca integrar as áreas do conhecimento. A esse respeito os autores afirmam:

A primeira reporta-se àquelas intervenções reducionistas com aportes em treinamento e prática rotineira para o ensino de habilidades, realizadas de forma isolada e descontextualizada. Alternativa de ensino é aquela que se preocupa com a elaboração de formas integradas com as áreas do conhecimento humano, contextualizado. Essa maneira de ensinar inclui a combinação do ensino da oralidade, leitura e escrita, fazendo uso de textos, experiências linguísticas e acesso a outras linguagens e comunicações orientadas. (SHIMAZAKI; TSUKAMOTO, 2012, p.70).

Tais reflexões nos conduzem a identificar a necessidade de que a criança com D.I seja permanentemente estimulada, partindo de estratégias que se apoiam em recursos concretos, com vistas a alcançar o pensamento abstrato. A escola tem o papel de ensinar, a fim de favorecer o desenvolvimento das habilidades comprometidas do aluno com atraso no desenvolvimento. Claro que isso só é possível quando se tem um trabalho pedagógico diferenciado, seja no ensino regular, seja em programas de atendimento educacional especializado. O fundamental é que o professor, e toda a equipe escolar, busquem meios para que todos os alunos adquiram um saber sistematizado. Para tanto, sugere-se o uso de jogos, brincadeiras, músicas, pinturas, pesquisas, passeios, entre outras estratégias na condução do trabalho com o aluno DI.

2 - CONHECENDO A DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Entende-se por deficiente Intelectual a pessoa que apresenta dificuldades no seu funcionamento mental e no desempenho de algumas tarefas que envolvem a comunicação, os cuidados pessoais e o relacionamento social. A deficiência intelectual faz com que a pessoa apresente mais demora em seu aprendizado e no desenvolvimento.

As crianças com deficiência intelectual podem apresentar maiores dificuldades para começar a caminhar, para falar, vestir e fazer suas atividades. Essas crianças geralmente enfrentam muitas dificuldades quando entram na escola. É preciso que a escola assegure ao DI o direito de aprender no seu próprio tempo, sem, contudo deixar de ensiná-lo, a fim de favorecer suas aprendizagens. (ALMEIDA, 2007).

Segundo Krynski et al. (1983)² a deficiência Intelectual está associada a um quadro clínico complexo. Como causas, a deficiência intelectual pode resultar de várias etiologias. Sua principal característica é o desenvolvimento intelectual insuficiente, em termos globais ou específicos.

De acordo com Shimazaki e Mori (2012) a deficiência intelectual já recebeu várias denominações. Foi chamada de oligofrenia, palavra de origem grega, que significa pouco inteligente. Também foi denominada retardo mental, atraso mental, deficiência mental entre outras. Só recentemente, passou a ser definida como deficiência intelectual. De acordo com Associação Americana de Deficiência Mental (AAMR) e o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), Deficiência Intelectual ou Deficiência Mental é a diminuição diverso do funcionamento intelectual.

Não existe ainda no país uma estatística específica sobre o número de brasileiros com síndrome de Down. Uma estimativa pode ser levantada com base na relação de 1 para cada 700 nascimentos, levando-se em conta toda a população brasileira. Ou seja, segundo esta conta, cerca de 270 mil pessoas no Brasil teriam síndrome de Down. No último Censo, em 2010, 23,9% dos entrevistados disseram possuir alguma deficiência, sendo que 2.617.025 declararam ter deficiência intelectual. A contagem, contudo, foi feita por amostragem, ou seja, em apenas algumas casas aplicou-se o formulário completo, em que o cidadão declara se possui alguma deficiência. O censo ainda identifica que, no Brasil, há quase 10 milhões de pessoas que apresentam deficiência. A deficiência intelectual é percebida, em alguns casos, devido a um atraso acentuado no desenvolvimento neuro-psicomotor no início da vida. A criança apresenta certa dificuldade para firmar a cabeça, andar, sentar e até falar. No aprendizado encontra certa dificuldade em obedecer a ordens e normas. Na escola não acompanha o grupo de colegas no ritmo e na qualidade do aprendizado. O D.I faz tudo com mais dificuldade, se comparado ao indivíduo normal.

² Informação extraída do site: <http://www.revistapontocom.org.br/artigos/deficiencia-intelectual-o-conceito>. – acessado em: agosto/2013

A deficiência intelectual não deveria impedir o sujeito de viver sua vida normalmente, aprendendo a cada dia e se desenvolvendo. Isso é possível quando se tem um acompanhamento certo e adequando. Na escola podemos ter resultados surpreendentes com essas crianças, mas muitas vezes a adequação do currículo não acontece e a criança/aluno com D.I não consegue se beneficiar com o ensino oportunizado pela escola.

3 - A LINGUAGEM COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Com base na psicologia Histórico-Cultural em particular nos estudos de (VYGOTSKY, 2000), encontramos que:

[...] nas primeiras etapas, o desenvolvimento da linguagem ocorre de modo muito semelhante para as crianças normais e para as profundamente atrasadas. A particularidade está no encontro da linguagem e do pensamento [...] Em um certo momento, estas linhas – do desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento do pensamento – que seguiam caminhos diferentes parecem se encontrar, se cruzam, se encontram e é quando se interceptam mutuamente. A linguagem se intelectualiza, se une ao pensamento e o pensamento se verbaliza, se une a linguagem . (VYGOTSKY, 2000 apud SIERRA et.al,2011,p.138).

Das afirmações de Vygotsky extraímos que é necessário estimular o desenvolvimento da linguagem, a conquista do pensamento conceitual, não se forma por via puramente mecânica. Para as crianças com deficiência intelectual o desenvolvimento dos conceitos gerais ocorre de outra forma, conforme apresenta (Vygotsky 2000):

[...] nas crianças com atraso mental os conceitos gerais se configuram de outro modo, é justamente a formação do conceito geral o que é mais difícil. A diferença fundamental do pensamento entre a criança atrasada e a normal, precisamente, é que a primeira não domina com segurança seu pensamento mediante a formação de conceitos complexos (VYGOTSKY, 2000 apud SIERRA et.al,2011,p.138).

De acordo com Sierra, Dambrós, Neto e Mori, (2011) o pensamento concreto limita o desenvolvimento da formação de conceitos complexos. O domínio dos signos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em especial a linguagem e o pensamento são fundamentais para apropriação de conceitos. Por tal raciocínio, os conceitos são entendidos como um sistema de relações e generalizações contido nas palavras e determinados por um processo Histórico-Cultural. Em outros termos, é o grupo cultural que vai lhe fornecer o universo de significados necessários ao desenvolvimento do pensamento conceitual.

A esse respeito Shimazaki e Tsukamoto (2002) observam que para que as pessoas com deficiência intelectual abstraíam e generalizem conceitos é preciso que a educação se volte para sua aprendizagem e desenvolvimento. Isto é possível quando se busca formas diferenciadas de trabalho, quer no ensino regular ou em programas de atendimento educacional especializados. É importante que o professor busque alternativas para que o aluno se aproprie do saber sistematizado.

Assim, como para todos os aprendizes, para o deficiente intelectual é necessário a utilização da linguagem como ferramenta para o desenvolvimento psicológico. Em outros termos, para que ocorra o desenvolvimento do campo psíquico é preciso que o deficiente intelectual tenha acesso pleno à linguagem. Nesse sentido, Cole, John-Steiner, Scriver, Souberman (2008 p.12 apud Vygotsky, 1938).

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumento. (COLE; JOHN-STEINER; SCRIBNER; SOUBERMAN, 2008 apud VYGOTSKY et.al,2011,p.12).

Vygotsky (2008) observou em seus estudos, que a fala não só acompanha a atividade prática, como também tem um papel específico na sua realização. Para o teórico, a fala é no início da vida, tão importante quanto a ação. Assim, ancorados na perspectiva vygotskyana, defendemos que, reside no investimento em linguagem (com o apoio de ações de exploração do mundo físico), a possibilidade de alavancar o desenvolvimento intelectual de pessoas com deficiência intelectual.

4 - ACESSIBILIDADE NA COMUNICAÇÃO PARA DEFICIENTE INTELLECTUAL: A PROPOSTA DA COMUNIDADE DOWN



Uma proposta inovadora para o trabalho com o aluno D.I se encontra no livro “Mude seu falar que eu mudo meu ouvir”, elaborado por cinco jovens com Deficiência Intelectual. Esses jovens perceberam a necessidade de terem acesso a uma linguagem própria para eles. Segundo os autores do livro, as pessoas com D.I vivenciam em uma palestra, por exemplo, a dificuldade de compreensão da linguagem usualmente empregada e reconhecida por todos como normal, Nessas situações, é comum o palestrante falar muito rápido e empregar termos de difícil compreensão, para pessoas com atraso no desenvolvimento intelectual. Para que o conteúdo de uma palestra seja acessível às pessoas com D.I é preciso que se adote, segundo os autores, imagens, desenhos, figuras. Outro elemento apontado, pelos jovens autores, como necessário para a acessibilidade do D.I é o suporte de profissionais conhecidos como intérpretes orais, carinhosamente chamados de –“grilo”. A alcunha “grilo” é empregada no livro como uma alusão ao “grilo falante”, personagem que na história infantil “Pinóquio” atuava como a consciência do boneco de pau. O apoio do grilo permitiria ao aluno com D.I por um lado, sentir-se entendido e participativo, e por outro entender efetivamente mensagem de maior complexidade.

A iniciativa de escrever e publicar o livro sobre a vida e os desejos de pessoas com D.I tornou-se um meio através do qual eles tentam quebrar o preconceito das

pessoas. O livro tem ainda o propósito de passar uma mensagem, não só para a comunidade escolar, mas para toda a sociedade. A mensagem é de que eles são capazes de executar qualquer atividade e levar uma vida normal. Os autores reagem à exclusão revelando, no livro que desejam sentirem-se incluídos como seres humanos, revelam ainda, que querem algo para o futuro e que percebem que, muitas vezes a sociedade não reconhece suas necessidades e desejos. Com o livro, eles querem justamente mudar este olhar. Desejam que a sociedade tenha acesso às informações que anteriormente não tinha, com a finalidade de que as pessoas entendam, aceitem e não sejam tão preconceituosas com os Deficientes Intelectuais.

A ideia do livro “Mude seu falar que eu mudo meu ouvir” nasceu “despretensiosamente”, segundo Gloria Salles, presidente e fundadora da associação *Carpe Diem*,¹ onde foi planejado e redigido o livro. O projeto da composição do livro surgiu a partir do momento em que os autores com D.I começaram a frequentar lugares, começaram a falar em congressos, *workshops*, enfim, em diferentes eventos. Em um desses eventos, eles questionaram, a razão da omissão das pessoas, socialmente reconhecidas como normais, não fazerem nada para que eles pudessem entender. Assim formularam algumas perguntas: por que as pessoas falavam tão rápido? Por que as pessoas não lhes davam atenção? Por que não lhes olhavam nos olhos ao se dirigirem a eles? Enfim, eles entenderam que precisavam de medidas mais eficientes de acessibilidade para poderem entender e para estarem neste mundo.

Na composição do livro empregou-se exatamente a construção de linguagem dos autores. O livro foi ditado pelos autores e os organizadores da obra mantiveram a construção original, preservando inclusive os erros. Portanto, no livro encontramos erros de construção de frases. Os depoimentos e reflexões são muitas vezes repetitivos. Essas marcas confirmam a autoria da obra. O leitor consegue perceber que é um livro produzido por eles. Neste livro há o emprego de muitas figuras e desenhos como recurso de acessibilidade para outras pessoas com deficiência intelectual.

Ana Beatriz Pierre Paiva umas das autoras do livro apresenta no vídeo já referido, uma reflexão impactante. Afirma que, as pessoas com deficiência intelectual querem que a sociedade comece a abrir não só os olhos, mas os ouvidos para as pessoas que tem D.I. E, prossegue, afirmando que eles querem ser aceitos na sociedade, que

¹ Informação extraída do vídeo: Programa Especial – *Carpe Diem* – “Mude seu falar que eu mudo meu ouvir”, disponível no You tube. – acessado em: agosto/2013.

gostariam de quebrar o preconceito que muitas vezes as pessoas ainda têm em relação às pessoas com D.I. Assim pensando, Ana Beatriz justifica a decisão pela composição do livro com o seguinte questionamento: por que não escrever um livro de acessibilidade para as pessoas com D.I? Em tom de denúncia questiona por que todas as deficiências têm o seu manual e só as pessoas com D.I não possuíam o seu. Desse modo, argumenta que as pessoas com síndrome de Down precisam de um tempo maior para a compreensão e para a realização de tarefas, em razão de terem um raciocínio mais lento. Paiva diz ainda que, se as pessoas tivessem mais informações, com certeza o preconceito seria menor.

Para Paiva a diferença existente entre a pessoa com síndrome de Down e as demais pessoas é apenas um cromossomo a mais, porque, no resto eles são independentes para tudo e, a despeito da diferença, realizam ações importantes, embora com tempo diferente. Ela ainda diz que ter síndrome de Down não tem muita importância, o mais importante. Os autores se propõem a revelar no livro, que eles têm a capacidade, qualidade e vontade de se tornarem alguém na vida. Finalizando sua reflexão, a autora ressalva que deseja que o livro seja lido com os olhos e o coração, porque foi feito com muito carinho, capricho e dedicação. Neste mesmo vídeo Claudio Aleoni Arruda outro autor do livro, diz que a sociedade precisa prestar atenção no conteúdo de suas falas, para assim entender o que eles pensam.

Diante deste exemplo urge adotarmos medidas sérias para que a inclusão do Deficiente Intelectual não se torne uma farsa. A escola deve adotar meios para formar o sujeito de forma humana. Deve estimular o aluno a aprender e expressar conteúdos de acordo com sua linguagem. Sendo assim, o educador precisa conhecer e respeitar o desejo do aluno e ainda ajudá-lo a desenvolver-se a partir de seus interesses e possibilidades, favorecendo a formação da identidade e melhorando a autoestima do aluno.



Na psicologia Histórico - Cultural em particular nos estudos de Vygotsky compreenderemos o desenvolvimento da linguagem. Neste sentido, a partir das leituras consideramos a princípio que a linguagem é independente do pensamento e o pensamento se dá também de forma independente da linguagem. Em relação a isto segundo Sierra, Dambrós, Neto e Mori (2011, p. 138) apud Vygotsky (2000) afirmara que “nas primeiras etapas, o desenvolvimento da linguagem ocorre de modo muito semelhante para as crianças normais e para as profundamente atrasadas. A particularidade está no encontro da linguagem e do pensamento”. O mesmo ressalta:

Em certo momento, estas linhas – do desenvolvimento da linguagem e desenvolvimento do pensamento – que seguiam caminhos diferentes parecem se encontrar, se cruzam, se encontram e é quando se interceptam mutuamente. A linguagem se intelectualiza, se une ao pensamento e o pensamento se verbaliza, se une a linguagem (VYGOTSKY, 2000, p. 172).

É necessário estimular o desenvolvimento da linguagem e do pensamento para que ocorra este encontro conforme apresentado por Vygotsky. Pois, o desenvolvimento da linguagem reestrutura o pensamento por intermédio do pensamento por conceitos. De acordo com Sierra, Dambrós, Neto e Mori (2011, p. 139) apud Vygotsky (2000) os conceitos não se formam por via puramente mecânica. O conceito se forma por meio de complexas mudanças que se produzem, ao transformar a imagem no momento dinâmico da composição atribuída de sentido, isto é, a eleição de alguns recursos significativos; tudo isso não é fruto de uma simples mistura de elementos de imagens isoladas. Para as crianças com deficiência intelectual o desenvolvimento dos conceitos gerais ocorre de outra forma conforme apresenta Vygotsky:

[...] nas crianças com atraso mental os conceitos gerais se configuram de outro modo, é justamente a formação do conceito geral o que é mais difícil. A diferença fundamental do pensamento entre a criança atrasada e a normal, precisamente, é que a primeira não domina com segurança seu pensamento mediante a formação de conceitos complexos (VYGOTSKI, 2000, p. 281-282).

Os autores citados acima consideram que o pensamento concreto limita o desenvolvimento da formação de conceitos complexos. O domínio dos signos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em especial a linguagem e o pensamento são fundamentais para apropriação de conceitos. Eles ainda esclarecem que os conceitos são entendidos como um sistema de relações e generalizações contidas nas palavras, determinados por um processo Histórico – Cultural: são construções culturais,

internalizadas pelo individuo ao longo de seu processo de desenvolvimento. É o grupo cultural no qual o individuo se desenvolve que vai lhe fornecer o universo de significados.

A partir das análises verificamos que o estudo sobre a definição de retardo mental permite que entenda essa deficiência sendo pelo aspecto do desempenho do que pelos traços clínicos. É necessário caracterizar o retardo em cinco dimensões sendo: habilidades intelectuais, comportamento adaptativo, interações e papéis sociais, saúde e contexto sendo interpretado como uma transformação no entendimento do conceito. Os seguintes aspectos e definições:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo põe em evidência a necessidade de proporcionarmos mediações que possibilitem que as pessoas com D. I superem os obstáculos impostos pela deficiência a fim de conquistarem um lugar de respeito na sociedade. Partimos do pressuposto de que, a acessibilidade possibilita ao D.I viver com autonomia e dignidade, além de favorecer o desenvolvimento de habilidades que não seriam alcançadas sem o emprego de recursos alternativos de aprendizagem.

Dentre as conquistas almejadas para o conjunto de pessoas com D.I está o direito de ir e vir e compreender o mundo. As medidas adaptativas sobre as quais falamos, são mudanças simples que eliminam barreiras, como observamos no livro “Mude seu falar que eu mudo meu ouvir”. A obra, produzida por jovens com síndrome de Down, convida o leitor a pensar na adoção de condutas de comunicação assistida, especialmente pensadas para sujeitos com D.I. Tais medidas consistem na simplificação da linguagem, de tal forma que essa torna - se compreensível pelo sujeito com D.I.

Os jovens autores sugerem a adoção do “grilo” – intérprete oral para o D.I. Esse intérprete, conhecedor da língua ou sistema de comunicação dos D.I, seria o responsável, no espaço escolar inclusivo e em diferentes situações sociais, pela filtragem e transmissão de mensagens complexas para o D.I.

É necessário desenvolvermos estratégias que visem inserir socialmente a pessoa com D.I para combatermos a discriminação, preconceito e a exclusão. Também o emprego de intervenções pedagógicas permanentes, proporcionadas pela adoção de recursos simples tais como, jogos, brincadeiras, músicas, pinturas, roda de conversa, passeios, entre outros pode atuar como estratégia para aproximar o sujeito com D.I da compreensão de uma linguagem simplificada.

A partir da compreensão possibilitada pelo emprego de uma linguagem, que não lhe impõe barreiras intelectuais e conceituais de grandes proporções, o D.I teria acesso facilitado à linguagem imposta pela sociedade. Essa medida, em última análise, visa a inclusão social.

A educação de pessoas com déficits intelectuais, pressupõe um atendimento educacional especializado, que contemple medidas de encaminhando e orientação a

esses sujeitos. É preciso que a escola, por meio do emprego de linguagem acessível, favoreça ao D.I, a conquista de autonomia em suas atividades cotidianas auxiliando na comunicação, cuidados pessoais, lazer e trabalho.

Por intermédio da educação especialmente planejada podemos favorecer o desenvolvimento de funções psicológicas superiores em alunos com D.I. Nessa perspectiva cabe aos educadores desenvolverem uma prática pedagógica de qualidade, revendo os processos de intervenção realizados na sala de aula e refletindo sua própria prática docente. Entendemos que, cada aluno com D.I - assim como todo aprendiz. Assim, uma educação que pretenda atender às necessidades dessa população deve ter por meta o desenvolvimento máximo de condutas elementares, bem como aquelas de grande complexidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. D.S.R. **O que é deficiência intelectual ou atraso cognitivo?** 2007. Disponível em: <<http://inclusaobrasil.blogspot.com.br/2007/10/o-que-deficiencia-intelectual-ou-atraso.html>>. Acesso em: 08 ago.2013.

ALMEIDA, M.A. Apresentação e análise das definições de deficiência mental propostas pela AAMR- Associação Americana de Retardo Mental de 1908 e 2002. **Revista de Educação**, Campinas, SP, n.6, p.33-48, 2002.

COLE, M; JOHN-STEINER, V; SCRIBNER, S; SOUBERMAN, E. **A formação social de mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos.** 2008, p.12.

DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: o conceito. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/artigos/deficiencia-intelectual-o-conceito>. Acesso em: 08. Ago.2013.

KRINSKI, S. & Colaboradores. **Novos rumos da Deficiência Mental**, 1ª edição: Sarvier, São Paulo, 1983. Disponível em: <http://www.revistapontocom.org.br/artigos/deficiencia-intelectual-o-conceito>

PAIVA, A.B.P; GIORDANO, B.A; MAIA,C de V; GOLEBSKI, C.R.C; ARRUDA, C.A; RODRIGUES, T. **Mude seu falar que eu mudo meu ouvir.** 2012, p.35-40.

SHIMAZAKI, E.M.; TSUKAMOTO, N.M.S.**O atendimento educacional especializado para alunos com deficiência intelectual.** Maringá: EDUEM, 2012.p.65-72.

SHIMAZAKI, E; MORI, N.R. Atendimento educacional especializado à pessoa com deficiência intelectual: contribuições da psicologia Histórico- Cultural. **Revista Teoria e Prática de Educação**, v.14, n.1, p.131-141, 2011.

VYGOTSKI, L.S. **Obras Escogidas III:** Inclui problemas de desenvolvimento da psique. Madrid: Visor Distribuciones, 2000.